

# ORGANIZEMO-NOS NA LUTA

No início do 2º período a situação na Faculdade de Medicina pouco se modificou. Se alguns esperavam um começo normal das aulas esta esperança depressa se dissipou face à situação real que se enfrenta: assim as únicas aulas que começaram a funcionar no hospital foram até hoje as de 2º e 3º anos, mesmo estas parcialmente; nos últimos anos a tentativa de divisão dos alunos pelos civis e Santa Maria esbarra, por um lado, com a recusa dos estudantes em serem divididos e por outro, com a própria incapacidade do governo em por a funcionar o seu projecto de introdução da reforma em Medicina, de tal forma que só se prevê o começo das aulas para Fevereiro, não havendo mesmo nada de concreto. O 1º ano continua a funcionar completamente isolado no Instituto de Medicina Tropical su jeito a um regime intensivo de aulas, com horários rígidos, aulas por televisão, matéria dada a um ritmo muito acelerado e o anulamento da época de Outubro, com passagens semestrais.

O cerco ao hospital a que se assistiu durante todo o primeiro período, exercendo um rigoroso controle sobre todos os estudantes, sem haver sequer a preocupação com os prejuízos causados aos próprios doentes, e que procurava por todos os meios impedir que os estudantes do Técnico se pudessem aqui reunir, foi levantado quando do começo das poucas aulas do 2º e 3º anos, temendo o governo a resposta que certamente os estudantes dariam a esse mesmo cerco. No entanto este aparato mais visível foi substituído por um contingente policiamento feito por carrinhas da polícia em toda a cidade Universitária. Este policiamento permitiu simultaneamente o encerramento da cantina naintervalo das refeições e mais recentemente a sua utilização unicamente pelos alunos da chamada Universidade Clássica.

O que se verifica em Medicina: prisão de estudantes (actualmente ainda se encontram presos Joaquim Judas e Maria José Campos), divisão dos vários anos e até de alunos do mesmo ano, atraso na abertura das aulas, encontram-se coordenadas com as actuais formas repressivas sobre o Técnico (recusa de matrículas, prisões de estudantes à saída da Escola, ocupação do Técnico pela polícia, controle de entradas com cartões), com o fecho da cantina, com a invasão do hospital e prisão de 150 alunos dos liceus e escolas técnicas aí reunidos, e procuram, pela limitação da livre discussão e reunião dos estudantes, impedir qualquer resposta à actual situação.

Todas estas medidas visam, aniquilar progressivamente o M.E., quando ao longo das suas lutas os estudantes, ultrapassando os limites estritamente pedagogistas saltando os muros da escola e informando a população, têm denunciado o carácter de classe do ensino, o sistema de exploração capitalista que o perpetua, e que pretende a sua colaboração como futuros técnicos, na exploração das classes trabalhadoras, ao mesmo tempo que recusam o seu papel de futuros oficiais de um exército, que leva a cabo uma guerra de agressão contra os povos das colónias que lutam para se libertar do jugo colonial imperialista a que estão sujeitos.

Todas estas medidas visam abrir o campo à introdução da reforma oligocrática e militarizada de Veiga Simão, com a qual os capitalistas e o seu governo pretendem adaptar a universidade às novas necessidades da economia portuguesa, formando os técnicos necessários para se lançar na modernização e na criação de novas indústrias, para assim poderem competir com os seus comparsas dos outros países, de forma a tentar obter um maior quinhão nos lucros que são extorquidos pelo imperialismo mundial às classes trabalhadoras.

Face a estas medidas de militarização que a burguesia tenta impor em todas as escolas, utilizando para isso os mais diversos métodos, uns mais subtis (adiamento de aulas), outros mais declarados (prisões, expulsões, gorilas, policiamento, etc.). É necessidade de uma resposta global que seja a continuação do



que se passou no 1º período, na luta do Técnico, a mais significativa, os estudantes souberam responder em cada acontecimento da forma mais adequada. É assim que durante a concentração ao R.E.N. os estudantes articularam a luta dentro da escola com a luta na rua, manifestando-se em dois locais da cidade; é assim também que no dia do plenário eles encontraram a forma mais adequada de resposta a dar à militarização da Universidade, manifestando-se na rua, informando a população, em três zonas da cidade.

É assim que acompanhando a luta na Universidade, se notou um ascenso das lutas da juventude escolarizada das liceus e escolas técnicas, quando em torno de um processo no Padre A. Vieira atingiram a forma de manifestação de rua à saída do liceu e de greve durante dois dias, com ocupação de uma sala.

De notar que durante o 1º período não puderam os estudantes de medicina, ter um papel activo na luta dos estudantes de Lisboa devido às medidas de não abertura das aulas tomadas pelo governo. Mesmo assim, é de salientar que nas duas R.G.A.s havidas se mostrou uma forte determinação de responder: à reforma Veiga Simão, denunciando-a como a política dos capitalistas para a rentabilização do ensino; consequente militarização, afim de perpetuar a sociedade de exploração e miséria, que é a sociedade capitalista; aos cercos do Hospital, reafirmando a decisão de paralisação total da escola sempre que estes se verificarem; e de apoiar a luta do Técnico denunciando junto da população a política da burguesia para a Universidade, a exploração e opressão a que estão sujeitos os trabalhadores e divulgando as lutas mais recentes destes.

Na actual situação e tendo em conta o estado do Técnico e o perigo do fecho de Económicas, Medicina deverá tornar-se um local de reunião e discussão de todos os estudantes de Lisboa, afim de que estes possam, após uma ampla e democrática discussão, chegar a formas unitárias de luta contra a repressão governamental.

Impõe-se, por isso, da nossa parte, uma defesa intransigente de todos os locais democráticos já conquistados, respondendo firmemente a qualquer medida que vise quebrá-los.

Para isso é necessário que a informação e discussão destes assuntos, em ocupações de aulas e anfiteatros, meetings, sessões culturais, RGAs, Plenários, etc., abranja um maior número de estudantes que saibam coordenar as lutas a travar dentro de Medicina, com o importantíssimo apoio à luta do Técnico e com as lutas de rua.

**MEDICINA: Local de Reunião de TODOS os Estudantes de Lisboa!**  
**PELO O APOIO À LUTA DO TÉCNICO!**  
**PELA NORMALIZAÇÃO DO HORÁRIO DA CANTINA E PELA LIBERDADE DE**  
**INFORMAÇÃO E DISCUSSÃO NESTA!**  
**PELA LIBERDADE DOS ESTUDANTES PRESOS!**  
**CONTRA A MILITARIZAÇÃO E RENTABILIZAÇÃO DO ENSINO!**  
**CONTRA A REPRESSÃO FASCISTA; CONTRA A GUERRA COLONIAL!**

Comissão de Luta Contra A Repressão  
de Medicina 7/1/74

